

deiro artista: a fidelidade a si mesmo”, e Braga Montenegro lhe assinalou “a seriedade de propósitos com que enfoca problemas de literatura”.

2

PATRONO

ÁLVARO Dias MARTINS. Muito escreveu com o pseudônimo “Alvarins”. Filho de Antônio Dias Martins e Teresa Dias Martins. Nascido no Trairi, mal passava este de povoado a vila, em 4 de abril de 1868. Transferiu-se, em 1897, para Fortaleza. Ainda menino, empregou-se no comércio e tentou estudos esparsos, sem qualquer sistematização didática. Embarcou para o Rio de Janeiro (1885) e ali colaborou na folha abolicionista de Patrocínio — *Cidade do Rio* e na *Gazeta Nacional*, de feição republicana. Voltando ao Ceará, mantém no *Libertador*, de Fortaleza, a seção “Curvas e Retas”, talvez o seu período áureo. Fundou o Clube Republicano, a que presidiu, e foi um dos organizadores do Centro Republicano, em junho de 1889. Funcionário aduaneiro, Promotor Público de Canindé, professor de Literatura no Liceu do Ceará, sucessivamente. No jornal *A República* era sua a coluna “Líricas”. Foi um dos criadores da Padaria Espiritual, com o criptônimo de “Policárpo Estouro”, e do Centro Literário. Faleceu, aos 38 anos de idade, no dia 30 de junho de 1906. Alvarins era em verdade um poeta, um sonhador. De vida um tanto boêmia, algo negligente na linguagem e às vezes na métrica, e não possuindo a conveniente cultura intelectual, revelou, no entanto, as forças do seu estro em estrofes admiravelmente inspiradas. Valentim Magalhães definiu muito bem o espírito dos seus versos: “Isso, sim, que é poesia brasileira no sentir, nas imagens, no dizer, no rimar. É simples, cantante, ingênuo puro.” Amou a sua terra — “os pescadores trigueiros e os sertanejos valorosos” — e cantou-os com o ardor do seu lirismo panteísta e a doçura dos seus poemas, sonetos, trovas e quadrinhas.

Publicou: *Os Pescadores da Taiba*, 1895; *Capela Milagrosa* (notas e impressões), 1898; *Agonia Suprema* (poemeto), 1901; *Casa Mal Assombrada* (idem), 1903; *Comemorando o Tricentenário do Ceará*, 1903. Além de inúmeras produções não reunidas em volume, escreveu ainda, para o teatro, as revistas *Belecho*, 1898; *Lopes, Veiga e Companhia*, 1898; *Me Ceda...*, 1903 — todas encenadas em Fortaleza.

1º OCUPANTE

ALBA VALDEZ (Maria Rodrigues). Professora. Filha de João Rodrigues Peixe e Isabel Alves Rodrigues Peixe. Nascida no sítio “Espírito Santo”, da então Vila de S. Francisco de Urburetama, hoje cidade de Itapajé, aos 12 de dezembro de 1874. Fixando os pais residência em Fortaleza (1877), cursou Maria Rodrigues a escola primária de Isabel Teófilo Spinosa, vencendo as cinco classes com as notas distintas, tal como as conquistaria nos anos do currículo da Escola Normal do Ceará, pela qual se diplomou (1889), não tendo ainda completos os dezesseis anos de idade. O magistério foi a sua grande vida, o que não a privou de dedicar-se ao jornalismo e aos estudos literários. Colaborou em vários jornais e revistas, aos quais fornecia trabalhos, contos e crônicas altamente apreciados, muitos deles enfeixados, mais tarde, no volume *Em Sonho* (1904). Posteriormente, publicou *Dias de Luz* (1907), recordações da adolescência. Continuou as suas colaborações, de vivo estilo e limpidez de linguagem, na imprensa de Fortaleza e na de outros Estados, sempre muito acatada. Em 1904, fundou a Liga Feminista Cearense, a primeira agremiação literária de senhoras no Ceará, e dela foi presidente. Fez parte de muitas outras sociedades culturais, tais como o Centro Literário, a Boêmia Literária e Iracema Literária, todas de projetada ressonância na vida intelectual cearense. Era sócia efetiva do Instituto do Ceará. Faleceu em 5 de fevereiro de 1962.